



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB  
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS APLICADAS – FATECS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

# **BRASIL: UMA VISÃO DA IMPRENSA ESPAÑHOLA SOBRE O PAÍS**

Como o jornal espanhol *El País* cobre o Brasil

JULIANA GOMES DE FARIA

20759841

PROFESSOR ORIENTADOR

GUSTAVO VALADÃO

Brasília/DF, novembro de 2010

JULIANA GOMES DE FARIA

**BRASIL: UMA VISÃO DA IMPRENSA ESPANHOLA SOBRE  
O PAÍS**

Como o jornal espanhol *El País* cobre o Brasil

Trabalho apresentado à Faculdade de  
Tecnologia e Ciências Sociais  
Aplicadas como requisito parcial para  
a obtenção ao grau de Bacharel em  
Comunicação Social com habilitação  
em Jornalismo no Centro Universitário  
de Brasília – UniCEUB.

Prof. Orientador: Gustavo Valadão

Brasília/DF, novembro de 2010

**JULIANA GOMES DE FARIA**

**BRASIL: UMA VISÃO DA IMPRENSA ESPANHOLA SOBRE O PAÍS**

**Como o jornal *El País* cobre o Brasil**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Orientador: Gustavo Valadão

**Banca examinadora:**

---

**Prof. Gustavo Valadão**

Orientador

---

**Prof. Flor Marlene**

Examinadora

---

**Prof. Edla Lula**

Examinadora

Brasília/DF, novembro de 2010

“Não digam à minha mãe que sou jornalista, prefiro que continue pensando que toco piano num bordel.”

Ditado espanhol

# Resumo

As relações comerciais estão cada vez mais globalizadas e o Brasil faz parte deste contexto. O agendamento das notícias também. A cobertura do jornal espanhol *El País* sintetiza a globalização, os interesses econômicos e a cobertura jornalística segundo o agendamento dos grandes investidores. O Brasil passou a ser descrito como um país de oportunidades de investimento com lucro garantido pelo mundo desenvolvido, especialmente a Espanha. Este trabalho tem como objetivo demonstrar como um jornal espanhol cobre a área econômica sobre o Brasil.

**Palavras-chave:** Brasil, Espanha, agendamento da mídia, economia, investidores e *El País*.

# Sumário

1. Introdução	7
2. Metodologia	9
3. Breve histórico	11
4. <i>El País</i>	12
5. Brasil: o futuro é agora	15
6. Conclusões	25
7. Referências bibliográficas	27
8. Anexos	29

## Introdução

Com o crescimento e a estabilidade na economia do Brasil nos últimos anos, o país tem atingido uma maior visibilidade internacional. O papel do país na vida política e econômica global vem ganhando força. Por isso, a cada dia ocupa mais espaço na mídia de todo o mundo.

Para tentar entender esse fenômeno optou-se por analisar a cobertura do diário espanhol *El país* por acompanhá-lo desde o início do curso de jornalismo, além de despertar o interesse desta pesquisadora. Quatro matérias foram analisadas para descrever o conteúdo e demonstrar a forma que o Brasil, como um todo, é mostrado, segundo a linha editorial do *El País*.

Para discutir a forma que os temas são organizados é necessário entender que nem tudo o que acontece no Brasil chama atenção da mídia internacional. A cidade do Rio de Janeiro é recorrente nas matérias do periódico por ser a porta de entrada, tanto para investidores quanto para turistas.

Apesar do *El País* não ter um correspondente fixo no Brasil, cerca de três matérias são veiculadas na versão online do jornal, escritas no país por jornalistas espanhóis. Em ocasiões especiais, como reuniões com representantes da União Europeia ou da Espanha, são enviados jornalistas para a cobertura.

As matérias escolhidas refletem apenas uma parte do que foi publicado sobre o Brasil no período de 11 de outubro de 2009 a 29 de julho de 2010. O corpus delimitado é:

- *El Dorado carioca*, Carlos Gómez de 11/10/2009
- *Brasil llama a la inversión extranjera*, por Francho Barón de 21/02/2010
- *Microeconomía de una favela*, por Francho Barón de 14/03/2010
- *Brasil se olvida de la crisis*, Francho Barón de 9/07/2010

Com a maior relevância brasileira no cenário internacional e os crescentes laços econômicos, a cobertura pelo diário espanhol *El País* se justifica. A seleção

de um jornal estrangeiro também foi guiada pelo fato das relações internacionais serem foco de interesse não apenas acadêmico. A visão que se tem da nação no exterior vem mudando ao longo dos anos e essa é uma forma de entender isso, posto que as matérias escolhidas tratam *boom* econômico vivido pelo Brasil, a partir da implantação do plano real e, ainda mais, durante os oito anos de governo Lula.

O viés econômico, pela crescente participação espanhola na vida do país é o que mais justifica a cobertura, tanto pelo grupo *Prisa*, dono do *El País*, quanto por outros meios de comunicação jornalística na Espanha e no mundo. Hoje, o banco Santander e a Telefónica são importantes agentes econômicos no Brasil.

A importância para a vida acadêmica está no ineditismo da pesquisa. Nos bancos de dados do UniCeub não consta nenhum material sobre o tema e, muito menos, com o recorte escolhido.

Saber como o Brasil é tratado pela imprensa internacional reforça os preconceitos e paradigmas já existentes. Deve-se analisar a partir do factual como a imprensa internacional, especificamente o *El País*, interpreta e traduz para o leitor como a sociedade brasileira evolui. Ainda mais que o Brasil teve grande crescimento econômico e político na última década e agora ocupa lugar de destaque entre os tomadores de decisão na comunidade internacional. Esse conhecimento também é necessário para que se possa entender o Brasil na nova ordem mundial que está sendo construída e como a imprensa se relaciona com isso.

## Metodologia

Para entender o motivo e a forma de um jornal estrangeiro, no caso o *El País*, cobrir o Brasil e atingir o objetivo deste estudo de caso, a teoria do agendamento foi utilizada.

A ideia do agendamento surge com Walter Lippmann em 1922 e depois é aprimorada por Maxwell McCombs e Donald Shaw em 1972, chegando ao que entendemos hoje como a teoria do agendamento.

O agendamento é uma forma de interpretar a realidade mostrada através dos veículos de massa, no caso específico, o jornal *El País*. “O pressuposto fundamental do agendamento é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos meios de comunicação de massa.” (Shaw, 1979, p. 96, 101, *apud* Wolf, 2001, p. 145). Para a análise das matérias, também foi levado em consideração de que na produção de notícias fatores diversos contribuem para distorções involuntárias.

A hipótese do agendamento é um tipo de efeito social da mídia que compreende a seleção, disposição e incidência de notícias sobre os temas que o público falará e discutirá. (Brum, 2003)

A teoria do agendamento foi usada para entender o panorama que faz do Brasil um tema relevante para a cobertura do *El País*.

O agendamento é fundamental no contexto atual, no qual todos se aproximam através dos meios de comunicação e, principalmente, da internet.

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público é ciente ou ignora, dá atenção ou descuida, enfatiza ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas tendem a incluir ou excluir do próprio conteúdo. Além disso, o público tende a conferir ao que ele inclui uma importância que se reflete de perto a ênfase atribuída pelos meios de comunicação de massa aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (Shaw, 1979, p. 96 *apud* Wolf, 2008, p.143.)

Os meios de comunicação ainda hoje têm força de definir a forma como a sociedade em geral entende o mundo e como deve se relacionar com ele. Continua como formador de opinião, apesar da difusão de meios e canais.

A forma que a notícia é dada também deve ser avaliada, a seleção dos temas, protagonistas e localização da notícia e a linguagem. Observar se é escrita de forma equilibrada a respeito de determinado assunto, se é matéria de destaque e se a linguagem é adequada, isto é, sem intenções negativas e nem positivas, o discurso deve ser neutro. Detectar o não dito também é primordial para se entender o que está escrito no texto. (Serrano, 2010, p.49-50).

Para a coleta dos dados foram analisadas quatro matérias durante dez meses e destacadas as formas mais significativas sob o aspecto econômico, que o Brasil é citado.

## Breve histórico

O Brasil durante a década de noventa começou a se firmar no panorama internacional como uma potência. Especialmente a partir dos oito anos de governo de Fernando Henrique Cardoso quando a economia brasileira se mostrou confiável, estável e preparada para enfrentar as crises cada vez mais globais. Durante o governo Lula, o cenário de estabilidade de mostrou cada vez mais sólido, dando continuidade aos investimentos estrangeiros no país e aumentando o volume de negócios com empresas espanholas.

A postura do país fez com que os olhos da mídia internacional se voltassem para o Brasil. O que acontece aqui nunca foi tão interessante para o estrangeiro. Os grandes investimentos da Espanha no Brasil também são um fator a ser levado em conta na análise a ser feita.

Diversas empresas espanholas estão presentes no mercado brasileiro, como é o caso *Repsol*, que tem contrato com a Petrobras, *Tefefónica*, que detém grande parte do mercado de telecomunicações no Brasil (Telesp e Vivo), Santander, terceiro maior banco privado do Brasil, impulsionam a cobertura pelo jornal *El País* sobre o Brasil. Não apenas na área econômica, mas também na área política, social e cultural. No caso desta pesquisa, optou-se por focar apenas na economia.

## ***El País***

Fundado em 4 de maio de 1976, cerca de seis meses após a morte do ditador Francisco Franco, foi o primeiro a aparecer no cenário pós franquismo. O jornal teve papel fundamental na redemocratização, entre 1975 e 1978 após o regime ditatorial (1939 - 1975).

O primeiro *El País* inspirado pelo filho de Ortega y Gasset, José Ortega Spotorno, foi dirigido nos seus primeiros anos por Juan Luis Cebrián e respaldado por um forte grupo financeiro. Apresentava como objetivo a construção de uma democracia plena com uma profunda renovação da sociedade espanhola. Seu êxito foi imenso e conseguiria alcançar a liderança de vendas dos jornais de informação geral até a atualidade. (site *Lengua y Literatura*, acessado em 20/08/2010)<sup>1</sup>

O período de transição do regime ditatorial, imposto por Franco, a democracia foi turbulento. Depois da morte do ditador, em 1975, a sociedade já começava a se organizar em torno de liberdade, anistia, autonomia e eleições. (Cortazár e Vesga, 1997, p. 450). Os jornalistas contribuíram de forma direta para essa abertura política recém-chegada com o objetivo de atender a demanda da sociedade por liberdade de imprensa.

Esta situação favoreceu e estimulou o ânimo de determinados jornais, notadamente o *El País*, que chegou a se transformar no símbolo da própria Transição, o que resultou num sucesso profissional e comercial que alguns competidores demoraram a perdoar e que é culpado igualmente pelo espírito arrogante e autossuficiente de muitos dos que contribuimos para fazê-lo. (...) A verdade é que os únicos espaços de debate político existentes na última década da ditadura foram os que a imprensa abriu – especialmente nas publicações mensais e

---

<sup>1</sup> Tradução livre

semanais – com enorme sacrifício e dedicação por parte de muitos e bons profissionais. (Cebrián, 2010, p. 63).

Cebrián afirma que o *El País* foi o símbolo da própria transição política que a Espanha vivia naquele momento e essa é a justificativa para que o jornal até hoje seja visto como um lugar onde os valores democráticos são respeitados (Cebrián, p.63, 2010). Durante aqueles anos os que eram a favor do ditador recém falecido ainda tinham força política para interferir nos meios de comunicação. Em 1977 os diários ainda eram obrigados a enviar dez exemplares às dependências do Ministério da Informação para que o Governo pudesse pressionar, protestar ou negociar. O *El País*, certo dia se recusou a enviar as edições e logo após esse evento caiu a obrigação de fornecer ao Ministério alguns números para inspeção prévia. (Idem, p. 66, 2010).

O *El País* é um dos jornais espanhóis de maior visibilidade, tanto dentro quanto fora da Espanha, por esse motivo ele foi escolhido como objeto da pesquisa monográfica. Faz parte do *Grupo Prisa* e é o jornal não-esportivo de maior circulação na Espanha com de 391.816 exemplares vendidos diariamente. O *El País* é escrito integralmente em espanhol, uma das quatro línguas oficiais do país. O jornal foi o segundo no país a ter uma edição *online*, depois do catalão *Avui*.

Em março de 2010 o diário unificou as redações das versões impressa e online para garantir que daqui a dez anos o jornal ainda esteja no mercado. A nova redação é a Divisão de Conteúdos, que é responsável por jornal impresso, internet e telefones celulares.

Em 27 de setembro de 2010, o *Grupo Prisa* anunciou que vai ampliar os negócios e investir no mercado de comunicação em português, principalmente no Brasil.

O conselheiro diretor de *Prisa*, Juan Luis Cebrián, destacou que *Prisa* “é o único grupo de comunicação global no mercado global de língua espanhola e portuguesa, um grupo que não tem alternativa no curto prazo.”(...) Cebrián destacou que o objetivo de expansão a curto prazo, nos próximos dois anos, é

crescer no Brasil e Estados Unidos, sobretudo nos mercados de educação e rádio.” (*El País*, 27/9/2010).

É importante levar em conta que o Grupo *Prisa* é o maior conglomerado de comunicação na Espanha, dono de jornais, sites, televisões e rádios, além de ter negócios em Portugal, Brasil e Estados Unidos.

Os meios de comunicação que formam parte da macroestrutura econômica e financeira mundial não são um compartimento estanque nem um setor de produção independente. Não devemos esquecer que seus acionistas, direta ou indiretamente, são empresas de telecomunicação, grupos bancários, seguradoras ou construtoras. (Serrano, 2010, p. 9)

A partir do que afirma Serrano, pode-se concluir que o *El País* tem interesses econômicos em cobrir o Brasil, mais do que apenas pelo interesse de informar com qualidades seus leitores.

## Brasil: o futuro é agora

O Brasil sempre foi visto como o país do futuro, um futuro que nunca chegava. Durante o governo de Itamar Franco o Plano Real foi traçado e colocado em prática. Os primeiros resultados puderam ser notados durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. O saneamento das contas públicas, adoção da política econômica neoliberal e as privatizações abriram as portas do país ao investidor estrangeiro, que via aqui investimentos seguros e lucrativos. A Espanha foi um dos países que confiou no potencial do país do futuro e ajudou a transformá-lo no país em que o futuro chegou.

O Brasil é hoje, em todo o mundo, o país que possui a mais diversificada e equilibrada pauta de comércio exterior (importações ou exportações). Até o final do século passado, o Brasil exportava à Espanha, principalmente soja, café, tabaco, carne (de ave e bovina, sobretudo), couro, frutas, ferro, aço e madeira (desta última, seria o principal exportador a toda a Península Ibérica, desde que era uma colônia de Portugal). Ainda é importante dizer que, segundo a ONG WWF, a Espanha é o terceiro importador de madeira do mundo (atrás da França e China) e o principal importador de madeira brasileira. Da mesma forma, o Brasil importava da Espanha máquinas (como furadeiras), ferramentas metalúrgicas, plásticos, eletrodomésticos e azeite de oliva. (Carvalho, 2009)

A relação de comércio com a Espanha não é recente, data do período colonial. Com o passar dos séculos, evoluiu para uma relação bilateral que gera benefício para ambas as partes. Porém, é importante levar em consideração que ainda é desigual esse intercâmbio de mercadorias. O Brasil exporta *commodities* enquanto os espanhóis trazem para o país produtos manufaturados, tecnologia e serviços.

A mídia tem papel fundamental em divulgar os aspectos positivos para que os investimentos estrangeiros se mantenham no Brasil. A globalização econômica neoliberal é responsável pelo crescimento dos grupos de comunicação e da forma

como as notícias são apresentadas (Serrano, 2010, p. 39). A mídia agenda os melhores investimentos, a forma como o país enfrenta as crises financeiras internas e externas, as relações bilaterais, a infraestrutura e os incentivos fiscais, além da estabilidade jurídica, são de importância para o crescimento do número de investidores, por esse motivo são sempre alvo de contínua cobertura no país. A economia, associada ao agendamento dos grupos de comunicação, mobiliza o interesse da sociedade espanhola sobre o Brasil. Dando, assim, um maior giro na economia do mercado capitalista sempre em busca do melhor lugar para investir e acompanhando os mercados, para em caso de risco, retirar o capital. O lucro, tanto das empresas quanto dos meios de comunicação, é o objetivo da cobertura. Informar corretamente a sociedade é preocupação dos veículos e jornalistas, pois, sem credibilidade o negócio pode ruir.

Há um montante de 150 companhias instaladas num país no qual a Espanha é, depois dos Estados Unidos, o segundo investidor estrangeiro (absorve 33% de todos os investimentos espanhóis na América Latina em valores brutos e 28% em valores líquidos). As privatizações de 1995 abriram o desembarque empresarial [espanhol]. Nossas vendas ao gigante latinoamericano – a décima economia do mundo [oitava, já ultrapassou a Espanha], segundo o Banco Mundial, será a quinta em 2016 – são ainda modestas, mas estão crescendo a taxas de 25% ao ano. (*El País, El dorado carioca*.11/10/2010)

Estes dados revelam a pujança da economia brasileira e como os espanhóis aproveitam para fazer negócios lucrativos no país, gerando benefícios para ambas as partes. O Santander Brasil, por exemplo, corresponde a 24% do tamanho do grupo Santander e é o terceiro banco privado em número de ativos e o primeiro internacional. Segundo o JP Morgan, será o principal suporte dos resultados e do crescimento do grupo a longo prazo. (Idem, ibidem). A filial brasileira, de acordo com dados do próprio banco, registrou um volume de R\$ 305 bilhões em ativos e encerrou o primeiro trimestre de 2009 com o lucro de R\$ 533 milhões.

Os setores de infraestrutura e construção, transportes e comunicações e energias renováveis reúnem as maiores oportunidades. Não em vão o governo de Lula vai destinar 7,5 bilhões de euros para os Jogos Olímpicos, fundamentalmente para o transporte e cinco grandes projetos: ampliação do aeroporto do Rio (270 milhões), circunvalação e outras rodovias no entorno da cidade (410 milhões), ampliação do metro (890 milhões), conexões com ônibus rápidos entre as diferentes zonas e sedes olímpicas (840 milhões) e novo material rodante para a rede de transporte (925 milhões). Estes últimos investimentos ferroviários são adicionais a outros programas de reforma da rede brasileira que incluem a adjudicação de um trem de alta velocidade entre as cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, projeto no qual aspiram empresas espanholas como *Abengoa*, *CAF*, *Talgo Siemens España*, *Ineco Elecnor* e praticamente todas as construtoras. (Idem, *ibidem*).

Segundo a mesma reportagem, no setor de construção, o Brasil cresce a um ritmo superior a 15% ao ano em decorrência do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), outra grande oportunidade para os espanhóis que investem no país.

A empresa OHL, presente na área de transporte, é a maior empresa no setor e administra 3.226 Km de rodovias nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, segundo *site* da filial brasileira.

“O Brasil é um país estratégico para o grupo OHL. Em 2008, os ingressos pela atividade neste país subiram a 351,8 milhões de euros, com um crescimento de 43,5% e representando 9% das vendas totais do grupo e 17% dos ingressos internacionais”, explicam, no que somos “o primeiro gestor de rodovias de pedágio, com uma cota de 25% (em quilômetros) e um investimento total comprometido de 5.078 bilhões de euros.” (*El País, El dorado carioca*. 11/10/2009).

As notícias da estabilidade econômica brasileira atraem novos investimentos, gerando um ciclo de bons negócios para empresas e para o

desenvolvimento do Brasil. A agenda brasileira é destaque na mídia, ainda que não haja cobertura diária e sobre o país.

A gigante de telecomunicações espanhola também está presente no território brasileiro. “O Brasil continua ‘sendo o principal motor de *Tefefónica*’”, ainda segundo a reportagem *El dorado carioca* de 11 de outubro de 2009. A empresa investe pesado no país, ainda mais que o volume de negócios deve aumentar em função dos Jogos Olímpicos 58 bilhões de euros devem ser investidos no setor, segundo o Comitê Olímpico. A telefonia móvel é o carro chefe da empresa no Brasil. Além de gerar 33% do fluxo de caixa na região, provenientes da Telesp e Vivo. (*El País, El dorado carioca*, 11/10/2009).

A presença espanhola no Brasil é tão ampla que empresas de seguros, hotéis, indústria, e editoras estão presentes. A filial brasileira da *Prosegur* é responsável por 16% de suas vendas. A maior editora de livros educativos no país pertence ao Grupo Santillana, a Editora Moderna. As editoras Salamandra e Objetiva também pertencem ao grupo.

Na reportagem do dia 21/02/2010, *Brasil llama a la inversión extranjera* (Brasil chama para investimentos estrangeiros), o jornalista Francho Barón afirma que o “Brasil pretende demonstrar ao mundo que sua economia goza de uma robustez a prova de obuses<sup>2</sup>”. O país está pronto para receber investimentos e garantir que eles sejam lucrativos e benéficos para os envolvidos.

Segundo estudo elaborado pela consultora AT Kearney baseado na opinião de executivos das principais companhias do mundo, Brasil é neste momento o quarto país favorito para investir. (...) Segundo o estudo, os setores preferidos dos investidores no gigante sul americano são o petrolífero, a indústria automobilística e a construção. Várias razões empurraram ao Governo de Lula a abrir ainda mais seu mercado ao capital estrangeiro. A recente eleição do Rio de Janeiro como sede olímpica em 2016 pressupõem um estímulo para por em andamento, de maneira irreversível, vários projetos de infraestruturas que levavam anos amontoados nas mesas dos escritórios. Entre

---

<sup>2</sup> Obus, s.m. Pequena peça de artilharia, semelhante a um morteiro comprido. BUENO, Francisco Silveira. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1980.

outros, destaca o trem bala que conectará Rio de Janeiro e São Paulo, e que contribuirá para descongestionar as vias de comunicação entre as duas maiores metrópoles brasileiras. Brasil também receberá a Copa do Mundo de 2014, o que demandará uma melhora considerável do traçado de rodovias entre as principais capitais. (*El País, Brasil llama a la inversión extranjera, 21/02/2010*).

A empresa que ganhar a licitação do trem bala administrará, durante 40 anos, o trecho. A obra custará 13,6 bilhões de reais e empresas espanholas participam da licitação.

O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) é sempre presente na cobertura, por ser visto como um “projeto vertebrador” do Brasil e pelo número de oportunidades de investimentos. Durante os anos de 2007 e 2010 foram quase 2.500 obras, com o volume de 200 bilhões de euros investidos. Apenas 13% das obras do primeiro PAC ainda estão em processo de licitação, sendo que o governo de Luis Inácio Lula da Silva já lançou o PAC 2, para ser executado nos próximos quatro anos aumentando o leque de oportunidades para o investidor estrangeiro.

O programa, que agora por agora está dando resultados extraordinários, canaliza enorme quantidade de dinheiro para melhoras em logística, energia e projetos sociais nas áreas urbanas. São 200 bilhões de euros investidos entre 2007 e 2010 que se materializam em 2.471 obras. 55% já está concluído, 32% ainda em execução e apenas 13% ainda em processo de licitação. (*El País, Brasil llama a la inversión extranjera, 21/02/2010*).

Outros focos de interesse das empresas espanholas, apresentados Barón na mesma reportagem, são o setor elétrico, portuário e de rodovias.

Segundo Muniz [Maurício Muniz, secretário executivo adjunto do PAC], as empresas espanholas vêm mostrando grande musculatura nas licitações de obras de rodovias e linhas de energia. Este ano também participarão na concorrência para a nova construção e exploração do trem de alta velocidade. “Agora estamos trabalhando em um novo PAC, que irá de 2010 a 2014. E será

necessário um grande volume de investimento para colocar em prática tudo o que temos em mente”, adianta. (Idem, ibidem).

A relação do público com esse tipo de informação é complexo, por se tratar de um país distante geograficamente da Espanha, onde as reportagens são apresentadas. A distância geográfica faz do jornal *El País* uma fonte primordial de notícias sobre o Brasil. O que é dito tem poder de verdade absoluta, ainda que haja formas de fugir dos meios de comunicação de massa, eles continuam sendo aonde as pessoas buscam se informar.

Quanto menor for a experiência direta das pessoas em relação a uma determinada área temática, mais dependerá da mídia para obter informações e os quadros interpretativos relativos àquela área. (Zucker, 1978, p. 227 apud Wolf, 2008, p.155).

Para Lula a crise mundial, iniciada nos Estados Unidos por causa da bolha imobiliária e a consequente quebra de bancos por falta de pagamento dos empréstimos e hipotecas, no Brasil foi apenas uma “marolinha”. Muito criticado pela declaração que deu colocando a culpa a crise em “gente branca de olhos azuis”, ou seja, nos países desenvolvidos. A reportagem *Brasil se olvida de la crisis* (Brasil se esquece da crise), também escrita pelo jornalista espanhol Francho Barón, aborda como o país conseguiu superar a crise que no país, foi apenas um pequeno reflexo do que aconteceu no mundo. Tanto que o país foi um dos primeiros a sair dela. O primeiro fato anunciado na reportagem é a criação de um milhão de empregos formais no ano de 2009, superando o índice do ano anterior, o pior ano da crise mundial.

Os dados são apresentados de forma a evidenciar o potencial do Brasil, como saiu da crise antes dos países desenvolvidos, além de aumentar o número de empregos formais enquanto o resto do mundo sofria com as altas taxas de desemprego, que em 2010 não voltaram ao patamar anterior à crise.

O presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, não necessita fazer grandes malabarismos para que a realidade confirme seus prognósticos. Para seus críticos sorte.

Para os defensores de sua gestão, não é mais que o afinado olfato que Lula foi aperfeiçoando ao longo de décadas brigando nas trincheiras da política. Independente de qual seja o caso, ou de se é uma combinação de ambos, ontem um novo pacote de indicadores econômicos vieram confirmar o que Lula, ante o olhar cético de muitos, profetizou há um ano e meio: que o Brasil não estava atravessando nenhuma crise e que simplesmente estava contornando uma “marolinha” financeira que não deixaria grande sequelas. (*El País, Brasil se olvida de la crisis*, 9/07/2010).

De país que dependia de empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil passou a financiar o fundo, o que demonstra a estabilidade econômica vivida. O que motiva a Espanha a investir no Brasil, a segurança do negócio e a possibilidade de sair da crise, que ainda assola o país europeu, que tem um dos maiores níveis de desemprego do mundo 20,3 (dados do primeiro trimestre de 2010), segundo dados Eurostat<sup>3</sup>, enquanto o Brasil registra 6,3%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Os índices de emprego no país mostram que a crise foi superada e que continua a crescer, ainda que os países desenvolvidos ainda não tenham se recuperado inteiramente, aumentando a confiança nas instituições e no mercado brasileiro.

Segundo dados divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), os ingressos e o emprego no setor industrial brasileiro superaram pela primeira vez em maio deste ano os níveis anteriores a setembro de 2008, quando se situa o início da crise. Tanto o Fundo Monetário Internacional (FMI) como os mercados revisaram suas previsões para este ano, e agora prognosticam um aumento do produto interno bruto superior a 7% em 2010. A demanda de crédito, principalmente nos estratos mais baixos da renda, também aumentou em 16% no último ano, algo que confirma as duas caras de uma mesma

---

<sup>3</sup> Eurostat: agência de estatística da União Europeia.  
<http://epp.eurostat.ec.europa.eu/tgm/table.do?tab=table&language=en&pcode=teilm020&tableSelection=1&plugin=1> (Acessado em 20 de outubro de 2010).

moeda: por um lado, o reaquecimento da economia brasileira e, por outro, as melhoras no sistema de créditos ao consumo. O que em outro contexto poderia parecer contraditório, neste país se torna uma engrenagem perfeitamente lubrificada. (*El País, Brasil se olvida de La crisis, 9/07/2010*).

O Brasil, sempre afetado pelas crises internacionais, como a do México em 1995, a dos Tigres Asiáticos em 1997 e a da Rússia em 1998 sempre pelo mesmo motivo: a dívida externa impagável “força” grandes investidores a retirar capital do país em questão e todos os outros de economia similar também sofrem com a fuga do capital estrangeiro. Em 1998 o país sul americano a foi forçado a adotar o câmbio flutuante para não quebrar. Sofreu com a maxidesvalorização do real frente ao dólar, até conseguir se estabilizar e entrar novamente na rota dos grandes investidores. Por esse motivo, Lula, declarou que a crise é gerada em países subdesenvolvidos o FMI imediatamente diz como é que eles devem agir, quando a crise acontece por conta de países desenvolvidos, não fala nada.

Lula, que se encontrava ontem em visita oficial a Zâmbia, não tardou em reagir às notícias: “Quando tínhamos crises na Zâmbia ou Brasil, aparecia rapidamente o FMI para nos ensinar como deveríamos fazer e para opinar sobre nossas políticas. Agora que a crise é vivida nos países ricos, o FMI fica em silêncio profundo e o Banco Mundial ficou mudo. Ou seja, não sabem dar respostas à crise da mesma maneira que acreditavam saber quando se tratava dos países pobres.” (*El País, Brasil se olvida la crisis, 9/07/2010*).

O crescimento do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), grupo formado pelos países emergentes de maior visibilidade mundial, tende a exercer maior protagonismo no cenário internacional, com oportunidades de investimentos em diversas áreas. O Brasil é visto com bons olhos no mundo dos negócios. As projeções do FMI e do Banco Central do Brasil (BC) não diferem muito em relação ao crescimento esperado para o Brasil no ano de 2010. O BC aponta um crescimento de 7,2% enquanto o FMI diz 7,1%.

As últimas projeções econômicas do FMI para o Brasil apontam um crescimento de 7,1% em 2010, mais de um ponto acima das previsões divulgadas o passado mês de abril (5,5%). A instituição financeira também prognostica um aumento de 4,2% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2011. Os dados do FMI não diferem muito das análises de mercado divulgados pelo Banco Central do Brasil (crescimento de 7,2% em 2010 e de 4,5% em 2011). O vertiginoso aumento da demanda de crédito ao consumo (de 16,6% no primeiro semestre do ano, em relação ao mesmo período de 2009) confirma que o Brasil está enfrentando uma de suas contas pendentes: reduzir a taxa de juros muito alta que impedem o acesso do consumidor ao crédito. (Idem, ibidem).

O crescimento econômico está se pulverizando nas camadas sociais menos favorecidas, ainda que 5% da população brasileira viva abaixo da linha da pobreza, segundo o Banco Mundial (Bird). As relações econômicas da camada mais pobre também é motivo de cobertura por parte do jornal *El País*. No dia 14 de março de 2010 aborda justamente este tema: como funciona a estrutura econômica dentro da maior e mais famosa favela do Brasil: a Rocinha.

Se você entra na favela da Rocinha, a maior e mais conhecida do Rio de Janeiro, se surpreenderá ao topar com uma lanchonete da popular franquia brasileira Bob's. Também encontrará comércios, escolas, *cibercafés*, bancos, bares, emissoras de rádio e até um canal de televisão local. Nesta favela vivem 150 mil almas, ainda que esta cifra é questionável, dada a precariedade dos censos de população nos subúrbios do Rio. O que, sim, é certo é que a Rocinha, igual as mais de mil favelas que se estendem pela exuberante oreografia<sup>4</sup> carioca, contribui para engordar as cifras da economia local, já que uma boa parte de sua população, nutrida por emigrantes chegados dos longínquos e deprimidos estados do nordeste brasileiro, trabalha e produz riqueza. (*El País*, *Microeconomia de una favela*, 14/03/2010).

---

<sup>4</sup> S.F. descrição das montanhas.

O lide da matéria quebra o conceito prévio de que nas favelas e subúrbios brasileiros só há violência, pobreza e criminalidade. A população menos favorecida vive em sob o estigma não apenas pela sociedade brasileira, mas também pela comunidade internacional. A reportagem de Francho Barón humaniza essas pessoas e as insere no contexto econômico da sociedade carioca. Eles são trabalhadores e produtores de riqueza, que consomem os produtos produzidos pela indústria, ainda que de forma diferente, move a economia local e da cidade. A favela consome e gera riqueza.

A contribuição das favelas à economia local é muito significativa, já que os cálculos mais afinados indicam que 20% da população do Rio se concentre nestes subúrbios. Em contraste com a imagem que a miúde prevalece, nas favelas os narcotraficantes não são a maioria, nem muito menos. Cada dia milhares de trabalhadores descem o morro para ganhar o salário honradamente com empregos de baixa qualificação. O problema reside na informalidade da economia e o recurso permanente da picaretagem. Nas favelas são exceção aqueles que pagam impostos, aqueles que declaram seus bens imobiliários, aqueles que abrem um negócio com os papéis em ordem, e inclusive aqueles que pagam os serviços básicos com luz e água ou outros menos básicos como o telefone, a televisão a cabo ou uma conexão de internet. (Idem, ibidem).

O prejuízo para os cofres públicos é imenso, tanto a nível municipal, estadual e nacional. As cifras estimadas do prejuízo apenas pela Light, companhia energética responsável por abastecer o Rio de Janeiro, chegam a 700 mil reais. Ainda que grupos criminosos controlem parte dos territórios das favelas, a relação econômica local é relativamente bem estruturada e gera lucro e benefício para aqueles que vivem nas comunidades.

## Conclusões

Independentemente do foco escolhido, o fator econômico está sempre presente na cobertura jornalística. Saber o que está acontecendo no Brasil é de fundamental importância para os investidores espanhóis com investimentos aqui e para o jornal *El País*, que faz parte de um conglomerado de comunicação que também tem interesse no país.

Segundo a teoria estruturada a economia de mercado administra o agendamento da mídia escolhendo os temas de interesse relevante para a sociedade, que são também seus. Pelo fato do Brasil ser geograficamente distante da Espanha, de ser muitas vezes visto com um país exótico, de costumes e organização sócio-política diferentes, a cobertura tem um papel desmistificador. O Brasil não é mais o país do futuro. O futuro já chegou e gera lucro para empresas espanholas que investem aqui.

O modelo de negócios do próprio jornal analisado confirma que o Brasil é foco de interesse mercadológico e, conseqüentemente, econômico. Como já foi demonstrado nesta pesquisa, Juan Luis Cebrián, membro do conselho diretor do *Grupo Prisa*, dono do jornal *El País*, o Brasil será objeto da expansão do grupo no curto prazo.

Ainda que o recorte seja de apenas quatro reportagens cobrindo um período de dez meses, elas ilustram de forma clara como se dá a cobertura do *El País*. Ainda que os temas sejam outros, o que motiva escrever sobre o Brasil é a economia, mesmo que indiretamente. Falar das oportunidades de negócio ou de como é a vida na favela é mostrar para o grande investidor, incluso o *Grupo Prisa*, como se comporta o país no dia a dia.

Escrever e apurar de maneira correta aumenta a credibilidade do veículo, fazendo com que o lucro continue chegando ao bolso daqueles que controlam o jogo. E a informação econômica correta ajuda no julgamento dos investimentos em mercados cada vez maiores e interligados. Como afirma o próprio Cebrián no

livro de sua autoria, *O Pianista no Bordel* de 2010: "... É preciso entender que, para competir no mundo global, é necessário fazê-lo globalmente e que somente as empresas de tamanho acentuado poderão fazê-lo no futuro". (Cebrián, 2010, p. 93).

Quando se fala das oportunidades para novos empreendimentos no país, as empresas interessadas querem informações confiáveis de como está a economia e a sociedade do lugar. É onde entra a mídia em geral, e o *El País*, ao informar da melhor forma possível àqueles que notícias nos jornais sobre o Brasil

Credibilidade e veracidade das notícias são característica de um jornal de renome. As palavras usadas sempre denotam a escolha do jornalista, mas ainda assim devem ser objetivas e contar a história tal qual acontece, sem juízos de valores. Quando esses aparecem, devem ser colocados como opinião em editoriais e colunas assinadas, locais para a especulação e opinião.

Das quatro matérias analisadas, três foram escritas pelo jornalista Francho Barón. A escolha das mesmas não denota preferência por ele, que não é correspondente no Brasil, apenas serve para reafirmar que o fator econômico é o de maior relevância para o diário espanhol pois a imensa maioria das matérias é nessa área.

O material analisado neste trabalho reafirma as hipóteses levantadas pela teoria do agendamento na medida em que o Brasil hoje é discutido dentro da sociedade espanhola muito mais por suas conquistas econômicas que pelo caráter "exótico" anterior. Grandes grupos econômicos como Telefónica, OHL, Repsol têm investimentos pesados no país, o que nos leva a acreditar que o interesse do *El País*, e dos espanhóis em geral, sobre o Brasil só tende a aumentar nos próximos anos.

## Referências Bibliográficas

### Referências literárias:

CASTRO, Antônio Barros; LESSA, Carlos Francisco. **Introdução à Economia**. 36ª ed. Rio de Janeiro: 1995.

CEBRIÁN, Juan Luis. **O Pianista no Bordel**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

CORTAZÁR, Fernando García de; VESGA, José Manuel González. **História de Espanha**. 1ª ed. Lisboa: 1997.

SERRANO, Pascual. **El Periodismo es Noticia**. 1ª ed. Barcelona: Icaria, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6ª ed. Lisboa: Presença, 2001.

### Referências de sites:

Banco Santander

<http://www.santander.com.br/portal/gsb/script/templates/GCMRequest.do?page=1242&entryID=4140> Acessado em 27 de setembro de 2010.

*El País* <http://www.elpais.com> Acessado em 27 de setembro de 2010.

Flávio Carvalho Barcelona

<http://flaviocarvalhobarcelona.blogspot.com/2009/12/relacoes-socioeconomicas-comparadas.html>. Por Flávio Carvalho. Acessado em 19 de setembro de 2010.

*Lingua y Literatura*

<http://lenguayliteratura2bac.wikispaces.com/file/view/Periodismo+espa%C3%B1ol+del+siglo+XX.pdf> Acessado 19 de setembro de 2010.

OLH Brasil <http://www.ohlbrasil.com.br/> . Acessado em 25 de setembro de 2010.

Plano de Parceria Estratégica Brasil – Espanha

[http://www2.mre.gov.br/dai/b\\_espa\\_96\\_5230.htm](http://www2.mre.gov.br/dai/b_espa_96_5230.htm) Acessado em 18 de setembro de 2010.

*Razón y Palabra* <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>

Acessado em 8 de junho de 2010. Por Juliana de Brum.

Relações Bilaterais Brasil – Espanha.

[http://www.fecomercio.com.br/arquivos/arquivo/Relacoes\\_Bilaterales\\_Espanha\\_Brasil\\_mzx9bdhaaa.pdf](http://www.fecomercio.com.br/arquivos/arquivo/Relacoes_Bilaterales_Espanha_Brasil_mzx9bdhaaa.pdf) Acessado em 31 de outubro de 2010.

## Anexos

- ***El Dorado Carioca***

([http://www.elpais.com/articulo/primer/plano/Dorado/carioca/elpepu econeg/20091011elpneglse\\_3/Tes](http://www.elpais.com/articulo/primer/plano/Dorado/carioca/elpepu econeg/20091011elpneglse_3/Tes))

Un centenar de y medio de empresas españolas habla 'brasileiro'

Carlos Gómez

Algunos analistas dudan sobre quiénes están más contentos, los brasileños o las empresas españolas, con la concesión de los Juegos Olímpicos de 2016 a Río de Janeiro. No es para menos. No ha pasado una semana desde las votaciones olímpicas en Copenhague y en tan breve periodo Telefónica se ha adelantado a Vivendi y ha lanzado una OPA por el 100% de la operadora de móviles local GVT por 2.550 millones de euros en efectivo; Santander ha cerrado una OPV sobre el 16,2% de su filial Santander Brasil y ha ingresado 5.500 millones de euros (unos 1.430 millones de plusvalías para la matriz), y Mapfre ha sellado una alianza estratégica con Banco do Brasil para distribuir seguros a través de sus 4.928 oficinas. Repsol, que se ha erigido en el primer grupo petrolero privado de exploración de crudo y gas en aguas brasileñas, hizo público en vísperas de las votaciones su decimocuarto gran descubrimiento de hidrocarburos en doce meses.

Unas operaciones que con toda seguridad, y no sólo la del último descubrimiento de Repsol, estaban perfiladas desde bastante antes de conocerse la decisión de la sede olímpica, pero que revelan la pujanza de la economía brasileña y las grandes oportunidades que allí existen, y que ahora pueden acrecentarse con ese evento deportivo y con su Mundial de Fútbol en 2014, para la empresa española. Hay ya un centenar y medio largo de compañías instaladas en un país en el que España es, tras EE UU, el segundo inversor extranjero (absorbe el 33% de toda la inversión española en Latinoamérica en términos brutos y el 28% en términos netos). Las privatizaciones de 1995 abrieron el desembarco empresarial. Nuestras ventas al gigante latinoamericano -es la décima economía del mundo,

según el Banco Mundial, y será la quinta en 2016- son aún modestas, pero están creciendo a tasas del 25% anual.

Buena parte de los resultados de algunas cotizadas españolas, como Santander y Telefónica (que pesan en torno al 22,5% y al 22% en el Ibex), OHL o Abengoa, provienen de Brasil. Además, Brasil es el país que cuenta con un mayor número de representantes en el Latibex, el mercado español de empresas latinoamericanas, con 16 de sus 33 compañías.

Santander Brasil, que supone por tamaño el 24% del grupo Santander, va a ser, según JP Morgan, soporte principal de los resultados y del crecimiento a largo plazo del grupo cántabro.

"Es un país clave para Abengoa; desde hace más de diez años es, con EE UU, el principal destino de nuestra inversión en el exterior. Somos el primer operador privado de concesiones de transmisión de energía con más de 8.200 kilómetros de líneas, negocio en el que hemos desarrollado una alianza estratégica con Eletrobrás, la principal compañía pública del país, lo que nos sitúa en una posición inmejorable para seguir participando en la construcción de una infraestructura esencial para el país", señalaba el jueves pasado Amando Sánchez Falcón, director financiero de Abengoa. "Otro negocio muy importante para nosotros en Brasil", agregó, "es el del bioetanol, en el que estamos presentes desde 2007. Brasil es un mercado donde ya los combustibles renovables han superado a los de origen fósil".

Infraestructuras y construcción, transporte y comunicaciones, energía y renovables, reúnen las mayores oportunidades. No en vano el Gobierno de Lula va a destinar 7.500 millones de euros a los Juegos Olímpicos, fundamentalmente al transporte y a cinco grandes proyectos: ampliación del aeropuerto de Río (270 millones), circunvalación y otras carreteras en el entorno de dicha ciudad (410 millones), ampliación del metro (890 millones), conexiones con autobuses rápidos entre las distintas zonas y sedes olímpicas (840 millones) y nuevo material rodante para la red de transporte (925 millones). Estas últimas inversiones ferroviarias son adicionales a otros programas de reforma de la red brasileña que incluyen la adjudicación de

un tren de alta velocidad entre las ciudades de Río y São Paulo, proyecto en el que aspiran a participar firmas españolas como Abengoa, CAF, Talgo, Siemens España, Ineco Elecnor y la práctica totalidad de las constructoras.

"La producción del sector de la construcción en Brasil ha crecido a un ritmo superior al 15% anual en el periodo 2006-2008 por el desarrollo de programas gubernamentales de inversión en infraestructuras y vivienda. Durante 2009 se está produciendo una moderación en el crecimiento, como consecuencia de la coyuntura económica internacional", pero el mercado ofrece buenas perspectivas y se espera "una fuerte reactivación a partir de 2010", señalaba esta semana un informe de la consultora DBK. Brasil tiene en marcha un denominado Programa de Aceleración del Crecimiento con 150.000 millones de euros de inversiones en infraestructuras.

Casi todos los grandes grupos españoles y algunos medianos de construcción y servicios están ya ahí. La palma se la lleva OHL. Está presente en concesiones de infraestructuras de transporte, a través de la filial OHL Brasil (60%), que cotiza en la Bolsa de São Paulo, y en medio ambiente (depuración de aguas), a través de la filial Ambient (100%). "Brasil es un país estratégico para el grupo OHL. En 2008, los ingresos por actividades en este país ascendieron a 351,8 millones de euros, con un crecimiento del 43,5% y representando el 9% de las ventas totales del grupo y el 17% de los ingresos internacionales", señalan fuentes del grupo. Tenemos "3.226 kilómetros de autopistas en este país", explican, en el que somos "el primer gestor de autopistas de peaje, con una cuota del 25% (en kilómetros) y una inversión total comprometida de 5.078 millones de euros".

Acciona, cuya división de agua ha logrado un contrato de 25 millones de euros este mismo año en Brasil, está presente en los sectores de concesiones, construcción e inmobiliario. El grupo de los Entrecanales fue adjudicatario en noviembre de 2007 de un contrato que engloba la financiación, recuperación, conservación, ampliación y explotación durante 25 años en régimen de peaje de una autovía desde Río de Janeiro hasta la

vía Dutra (BR-116). Acciona Inmobiliaria, por su parte, llegó al país en 2008 y está promoviendo unas 2.000 viviendas.

ACS entró en 2006 en el negocio de la gestión portuaria de Brasil mediante la adquisición, por 25,5 millones de euros, del 50% de la concesionaria Terminal de Santa Catarina, que opera en el puerto de São Francisco do Sul, el quinto mayor del país. Su filial Dragados Servicios Portuarios gestiona la terminal hasta 2047. El grupo ACS está presente también en Brasil, a través del área de Servicios Industriales, en la construcción y gestión de líneas de alta tensión y subestaciones, así como en servicios de mantenimiento industrial. Su filial Cobra cuenta con tres empresas en Brasil.

Isolux Corsán, la mayor constructora de España no cotizada, se hizo en enero, a través de un consorcio que lideraba con el 75% del capital, con la adjudicación de la primera fase de la ampliación del corredor que une Salvador de Bahía y Río de Janeiro, de 680 kilómetros, que explotará en régimen de concesionaria durante 25 años. Y seis meses antes se erigió en uno de los principales operadores de la red de alta tensión en Latinoamérica a través de un contrato, con un plazo de explotación de 30 años y una inversión prevista de 800 millones de euros.

Elecnor, otro de los grupos españoles en liza por hacerse con tendidos de líneas de alta tensión, logró recientemente derechos para tender dos líneas que conectan los Estados de Río de Janeiro, Minas Gerais y Goiás. Desde que Elecnor ganó en 2000 la primera concesión en Brasil, son ya 15 los sistemas de transmisión en los que participa, ocho de los cuales se encuentran en operación y el resto en construcción. La longitud total de las líneas es de 6.700 kilómetros. Todas estas concesiones suponen una inversión atribuible a Elecnor superior a los 800 millones de euros, según la compañía. En el sector eólico es titular, a través de la filial Ventos do Sul, del mayor parque de Latinoamérica, de 150 megavatios, situado en Río Grande do Sul.

Brasil tiene en marcha un proyecto de instalación de 140.000 megavatios eólicos, en el que quieren participar numerosas empresas españolas. Un interés bien recibido por las autoridades brasileñas. Así lo manifestó recientemente el ministro de Minas y Energía de Brasil, Edison Lobão, en su visita al Centro de Operación de Energías Renovables de Iberdrola Renovables en Toledo. La filial de renovables de Iberdrola posee en Brasil, desde 2006, el parque eólico de Río do Fogo (49,3 MW de potencia). Iberdrola produce además en este país 450 MW de generación hidráulica.

Endesa, por su parte, cuenta con un grupo, Endesa Brasil, que opera en distribución, generación, transmisión y comercialización de energía en cuatro Estados (Río de Janeiro, Ceará, Goiás y Río Grande) y cuenta con 5,1 millones de clientes. Y Gas Natural, a través de su filial CEG, es la mayor distribuidora de gas por cartera de clientes.

La parte del león, en presencia en el sector energético, se la lleva Repsol. Explora 21 bloques, 11 de ellos como operadora, y es la compañía privada con mayor dominio minero en las cuencas brasileñas de Santos, Campos y Espírito Santo. Ha descubierto 14 grandes yacimientos y otros tres también muy grandes en 2008. Recientemente la compañía anunció que, tras las primeras pruebas de producción del pozo Guará, el volumen recuperable del área se estima entre 1.100 y 2.000 millones de barriles de crudo ligero de alta calidad y de gas natural, lo que equivale a dos años de consumo de petróleo y gas en España. La compañía y sus socios Petrobrás y BG Group instalarán una plataforma para producir crudo en el citado campo de Guará. El presidente de la compañía, Antonio Brufau, ha declarado que en toda la cuenca de Santos hay trabajo para un periodo de unos 30 años y alabó la estabilidad jurídica que presenta Brasil. Repsol lleva invertidos en el país unos 2.000 millones de euros en 12 años.

Las telecomunicaciones son otra de las mecas empresariales en este momento. Un informe del Comité Olímpico Internacional señala que las compañías de este sector van a invertir 58.000 millones de euros en este país. Brasil sigue "siendo el principal motor de Telefónica", sobre todo por el

negocio de la telefonía móvil. "Aporta el 35% del resultado operativo bruto del grupo en América Latina y el 14% del consolidado del grupo. Además, el 33% del flujo de caja operativo generado en la región procederá de Brasil (Telesp + Vivo)", dice un informe reciente, pero previo a la OPA sobre GVT (véase información gráfica adjunta) de Ahorro Corpo.

Indra, uno de los cinco proveedores globales más importantes de TI en Latinoamérica, está presente en Brasil desde 1996. Actualmente trabajan en la compañía más de 500 profesionales en São Paulo, Belo Horizonte y Campinas. En Brasil ha alcanzado sólida posición en los mercados de transporte y tráfico -con importantes proyectos de desarrollo de infraestructuras inteligentes-, administraciones públicas, telecomunicaciones, industria y consumo, y energía y utilities. Recientemente, Indra ha firmado con la Armada brasileña un contrato para la implantación del sistema de comunicación por satélite en su buque insignia, el portaaviones São Paulo. Y en el mercado de tráfico terrestre, en colaboración con la firma local Esteio, se ha adjudicado la implantación de sistemas de peaje en tres grandes tramos de autopista.

También es importante la presencia de Amper en Brasil hasta el punto de atribuirle sus pérdidas del primer semestre, "aunque este mercado tiene para nosotros un gran potencial".

Hispamar, joint venture entre la española Hispasat y la brasileña Oi, lanzó en 2004 el satélite Amazonas, que lleva comercializándose desde 2005, y está fabricando ahora para su próximo lanzamiento el satélite Amazonas 2.

Prosegur es otro grupo veterano y con fuerte implantación. Su filial brasileña aporta a la matriz del grupo el 16% de sus ventas.

También ha ganado atractivo, con los Juegos Olímpicos, la inversión en turismo. Iberia, que tiene dos vuelos semanales a São Paulo y entre cinco y siete semanales a Río, es una de las compañías que más esperanzas albergan de ampliar sus negocios. También las tiene las cadenas Sol Meliá, que gestiona ya 14 hoteles (2.974 habitaciones) en el

país; Iberostar, que cuenta con dos establecimientos en Salvador de Bahía y uno en Manaus; Fiesta Hotels & Resorts, que explota un complejo de 654 habitaciones en Salvador de Bahía, y Hotusa, que tiene un cuatro estrellas en Río de Janeiro.

En industria destaca CAF, que opera en Brasil desde 1997 a través de talleres de mantenimiento y que va a abrir ahora una planta de producción para atender el suministro de 17 unidades del metro de São Paulo y 40 unidades de cercanías (320 coches). Dos contratos que se ha adjudicado por importe de 626 millones.

La siderúrgica GOMBARRI cuenta ya con dos plantas en Brasil, una con capacidad de 800.000 toneladas de acero en Campinas (São Paulo) y otra con capacidad de 400.000 en Curitiba (Paraná).

Otras industrias españolas con fuerte implantación son el grupo Mondragón, que cuenta con varias plantas de producción; Viscofan, Roca y Grifols, entre otras.

También es importante la presencia en el mundo editorial brasileño. El Grupo Santillana, que entró en este mercado en 2001 con la compra de Editora Moderna y que ha incorporado después las editoriales Salamandra y Objetiva, es líder en libros educativos. También opera en Brasil desde 2004 el grupo SM.

- ***Brasil llama a la inversión extranjera***

([http://www.elpais.com/articulo/economia/global/Brasil/llama/inversion/extranjera/elpepueconeg/20100221elpnegeco\\_1/Tes](http://www.elpais.com/articulo/economia/global/Brasil/llama/inversion/extranjera/elpepueconeg/20100221elpnegeco_1/Tes))

El gobierno de Lula ofrece 29.200 millones de euros en oportunidades de negocio

Francho Barón

Tras un 2009 de incertidumbres económicas y un temporal financiero que tan sólo le ha tocado tangencialmente, Brasil pretende demostrar al mundo que su

economía goza de una robustez a prueba de obuses. Mientras los mercados manejan unas previsiones de crecimiento excelentes, del 5,35%, el Gobierno brasileño ha diseñado un plan para abrir su territorio a la inversión extranjera por valor de 29.200 millones de euros. Las oportunidades de negocio en 2010 estarán centradas en la construcción de infraestructuras como carreteras, líneas de ferrocarril, tendidos eléctricos, así como concesiones para trabajos de dragado en puertos.

El plan de inversiones diseñado por la Casa Civil -capitaneada por Dilma Rousseff, la aspirante a suceder al presidente Luiz Inácio Lula da Silva a partir del año que viene- ya tiene las bendiciones del Banco Central de Brasil. Su presidente, Henrique Meirelles, confirmaba a principios de mes que las previsiones de la institución que dirige para la inversión extranjera directa (IED) en 2010 alcanzan los 45.000 millones de dólares (algo más de 33.000 millones de euros). Según Meirelles, este valor representará un récord histórico en Brasil.

Los estudios de mercado del Banco Central también apuntan a que este año se registrará la mayor entrada de inversión del exterior. El año pasado, la inyección de capital cayó considerablemente por efecto de la crisis financiera internacional. "Todos los años hemos cubierto nuestras ofertas de oportunidad de negocios para empresas extranjeras, pero es cierto que el año pasado cayeron las ofertas de interesados en invertir en nuestro país. Obviamente, hubo una razón clara: la crisis", confirma Maurício Muniz, secretario ejecutivo adjunto del Programa de Aceleración Económica (PAC) lanzado por Lula en 2007. Desde aquel año, el nivel de inversión extranjera se ha mantenido en torno a los 35.000 millones de dólares anuales, mientras que el año pasado cayó a 25.0000 millones.

Según un estudio elaborado por la consultora AT Kearney basado en la opinión de ejecutivos de las principales compañías del mundo, Brasil es en este momento el cuarto país favorito para invertir. Por delante se sitúan China, EE UU y la India, lo que deja patente una vez más el auge económico que durante los últimos años experimenta el denominado grupo BRIC (Brasil, Rusia, la India y China). Según el

estudio, los sectores preferidos de los inversores en el gigante suramericano son el petrolífero, la industria automovilística y la construcción.

Varias razones han empujado al Gobierno de Lula a abrir aún más su mercado al capital extranjero. La reciente elección de Río de Janeiro como sede olímpica en 2016 ha supuesto un revulsivo para poner en marcha de manera irreversible varios proyectos de infraestructuras que llevaban años amontonados en las mesas de los despachos. Entre otros, destaca el tren bala que conectará Río de Janeiro y São Paulo, y que contribuirá a descongestionar las vías de comunicación entre las dos mayores metrópolis brasileñas. Brasil también albergará el Mundial de Fútbol de 2014, lo que requerirá una mejora considerable del trazado de autopistas entre las principales capitales.

Las oportunidades previstas para empresas extranjeras se enmarcan también en el PAC, el gran proyecto vertebrador de Brasil diseñado por el equipo de Lula. El programa, que por ahora está dando resultados extraordinarios, canaliza ingentes cantidades de dinero hacia mejoras en logística, energía y proyectos sociales en áreas urbanas. Son 200.000 millones de euros invertidos entre 2007 y 2010 que se materializan en 2.471 obras. El 55% ya ha sido concluido, el 32% aún está en ejecución y tan sólo el 13% se encuentra todavía en proceso de licitación. Según Brasilia, durante este año se ejecutará el mayor volumen de obras previstas en el PAC y además arrancarán los trabajos de las infraestructuras necesarias para los Mundiales y los Juegos Olímpicos.

Entre las opciones para invertir este año, Brasil ha sacado a licitación la construcción de tres autopistas (BR-040, BR-116 y BR-381). En total suman 2.066 kilómetros de asfalto, por valor de 3.200 millones de euros, que incluyen la construcción y los trabajos de mantenimiento. La adjudicación de la obra se realizará en función de la menor tarifa de peaje, y la concesión de explotación será por 25 años.

El trazado de nuevas líneas de ferrocarril, una de las grandes cuentas pendientes en la vertebración territorial brasileña, también estará abierto a la

participación extranjera. La construcción de 1.535 kilómetros de la línea Norte-Sur costará 1.900 millones de euros. La línea Este-Oeste también recibirá una inyección de 2.400 millones de euros para el trazado de 1.490 kilómetros de vías. En ambos casos, la empresa que gane la licitación obtendrá el derecho de explotación de las líneas durante 30 años. Los dos son recorridos destinados a trenes de mercancías y atraviesan áreas de producción agrícola y minera de Brasil.

La licitación del tren bala Río-São Paulo incluye la construcción de las vías y una concesión de explotación de la línea de alta velocidad durante 40 años. El coste será de 13.600 millones de euros. Se trata de una de las oportunidades más atractivas, ya que los Estados de Río y São Paulo engloban el 45% del PIB brasileño. Según fuentes que gestionan el proceso de adjudicación, empresas españolas, japonesas, coreanas, chinas, alemanas y francesas concurren para hacerse con esta línea.

Brasil también sacará a concurso público los trabajos de dragado en cinco puertos (Fortaleza, Itajaí, Imbituba, Suape y Paranaguá). La licitación, por valor de 124 millones de euros, incluye contratos de servicios de dragado por un periodo de cinco años.

En el sector eléctrico, durante el primer semestre de este año se oferta la construcción de nueve centrales hidroeléctricas por un total de 8.000 millones de euros. A partir de julio saldrá a concurso el trazado de 800 kilómetros de tendidos eléctricos, que requerirá un desembolso de 235 millones de euros.

Según explica Muniz, las empresas españolas vienen mostrando gran musculatura en las licitaciones de obras de carreteras y tendidos eléctricos. Este año también participarán en el concurso para la construcción y explotación del tren de alta velocidad. "Ahora estamos trabajando en un nuevo PAC, que irá de 2010 a 2014. Y será necesario un gran volumen de inversión extranjera para llevar a cabo todo lo que tenemos en mente", adelanta.

- **Microeconomía de una favela**

([http://www.elpais.com/articulo/economia/global/Microeconomia/favela/elpepueconeg/20100314elpnegeco\\_7/Tes](http://www.elpais.com/articulo/economia/global/Microeconomia/favela/elpepueconeg/20100314elpnegeco_7/Tes))

Francho Barón

Su usted entra en la favela Rocinha, la mayor y más conocida de Río de Janeiro, se sorprenderá al toparse con una hamburguesería de la popular franquicia brasileña Bob's. También encontrará comercios, escuelas, cibercafés, bancos, bares, emisoras de radio y hasta un canal de televisión local. En esta favela viven 150.000 almas, aunque esta cifra es cuestionable, dada la precariedad de los censos de población en los suburbios de Río. Lo que sí es cierto es que la Rocinha, al igual que las más de 1.000 favelas que se extienden por la exuberante orografía carioca, contribuye a engordar las cifras de la economía local, ya que una buena parte de su población, nutrida por emigrantes llegados de los lejanos y deprimidos Estados del noreste brasileño, trabaja y produce riqueza.

La contribución de las favelas a la economía local es muy significativa, ya que los cálculos más afinados apuntan a que el 20% de la población de Río se concentra en estos suburbios. En contraste con la imagen que a menudo prevalece, en las favelas los narcotraficantes no son mayoría, ni mucho menos. Cada día cientos de miles de trabajadores y trabajadoras bajan de los escarpados cerros para ganarse el salario honradamente con empleos de baja cualificación. El problema reside en la informalidad de la economía y en el recurso permanente a la picaresca. En las favelas son una excepción quienes pagan impuestos, quienes declaran bienes inmobiliarios, quienes abren un negocio con los papeles en regla, e incluso quienes pagan los servicios básicos como la luz y el agua u otros menos básicos como el teléfono, la televisión por cable o una conexión a Internet.

Más sorprendente todavía resulta el hecho de que las autoridades públicas hayan dado esta batalla casi por perdida. ¿Cuánto dejan de ingresar las arcas públicas por la continua evasión fiscal a pequeña escala? ¿Cuánto pierden las

compañías de la luz o el agua con los conocidos *gatos* o pinchazos a las redes de distribución? ¿Cuál es el perjuicio que esta situación de desgobierno causa en la economía carioca? Casi nadie lo sabe cuantificar con un mínimo de precisión.

Light, la compañía eléctrica que abastece de luz al municipio de Río de Janeiro, cifra en un 20% -700 millones de reales (unos 290 millones de euros)- las pérdidas por el robo de energía en 2009.

Las redes criminales que imponen su ley y su orden en las favelas también generan ingentes cantidades de dinero negro con la compraventa de drogas y armas, aparte de emplear a muchos jóvenes, comprar voluntades y callar bocas mediante pequeños favores, como pagar unas medicinas o la bombona del gas a vecinos que lo necesitan. En la Rocinha, el jefe del narcotráfico se llama Antonio Bonfim Lopes, alias Nem. Hace años que la policía puso precio a su cabeza. No vive en la favela por motivos de seguridad, pero la rumorología local cuenta que hace poco apareció en un concierto al aire libre en la zona alta del suburbio. Iba escoltado y portaba un cordón de oro macizo de gran porte. Prohibió la presencia de fusiles entre el público. "Sólo quiero ver pistolas y escopetas, que, si no, la gente se asusta y las ventas caen", dijo. Razón no le faltaba.

- ***Brasil se olvida de la crisis***

([http://www.elpais.com/articulo/internacional/Brasil/olvida/crisis/elpepuint/20100709elpepuint\\_3/Tes](http://www.elpais.com/articulo/internacional/Brasil/olvida/crisis/elpepuint/20100709elpepuint_3/Tes))

Los ingresos y el empleo superan los niveles de septiembre de 2008. -El país creó un millón de puestos formales el año pasado

Francho Barón

Las elecciones presidenciales brasileñas se celebrarán el próximo 3 de octubre y, si se puede hacer una lectura en clave electoral de estos datos, no habría que divagar mucho para concluir que juegan a favor de la candidata del Partido de los Trabajadores (PT) y protegida de Lula, Dilma Rousseff. ¿La razón?

Ella misma lo explicó en una entrevista concedida recientemente a este periódico: "El éxito de Lula también es el mío".

El presidente brasileño, Luiz Inácio Lula da Silva, no necesita hacer grandes malabarismos para que la realidad confirme sus pronósticos. Para sus críticos, se trata de suerte. Para los defensores de su gestión, no es más que el afinado olfato que Lula ha ido perfeccionando a lo largo de décadas fajándose en las trincheras de la política. Independientemente de cuál sea el caso, o de si es una combinación de ambos, ayer un nuevo paquete de indicadores económicos vinieron a confirmar lo que Lula, ante la mirada escéptica de muchos, vaticinó hace un año y medio: que Brasil no estaba atravesado ninguna crisis y que simplemente estaba capeando una "marejadilla" financiera que no dejaría grandes secuelas.

Según los datos divulgados por la Confederación Nacional de Industria (CNI), los ingresos y el empleo en el sector industrial brasileño superaron por primera vez en mayo de este año los niveles previos a septiembre de 2008, cuando se sitúa el inicio de la crisis. Tanto el Fondo Monetario Internacional (FMI) como los mercados han revisado al alza sus previsiones de crecimiento para este año, y ahora pronostican un aumento del producto interior bruto (PIB) superior al 7% en 2010. La demanda de crédito, principalmente en los estratos más bajos de renta, también ha aumentado un 16,6% en el último año, algo que confirma las dos caras de una misma moneda: por un lado, el recalentamiento de la economía brasileña y, por otro, las mejoras en el sistema de créditos al consumo. Lo que en otro contexto podría parecer contradictorio, en este país se torna un engranaje perfectamente engrasado.

Lula, que se encontraba ayer de visita oficial en Zambia, no tardó en reaccionar a las noticias: "Cuando teníamos crisis en Zambia o en Brasil, aparecía rápidamente el FMI o el Banco Mundial para enseñarnos lo que teníamos que hacer y para opinar sobre nuestra políticas. Ahora que la crisis la viven los países ricos, el FMI guarda un silencio profundo y el Banco Mundial se ha quedado mudo. O sea, no saben dar respuesta a la crisis de la misma manera que creían saberlo con los países pobres". La andanada pega una vez más en la línea de flotación de

ambas instituciones, que Brasil pretende adaptar a un nuevo orden planetario en el que las potencias emergentes englobadas en el grupo BRIC (Brasil, Rusia, India y China) tengan un mayor protagonismo.

El CNI informó ayer de que los ingresos de la industria crecieron el pasado mayo un 2,1% respecto al mes anterior. El dato supera en un 2,3% los ingresos contabilizados en septiembre de 2008. Durante los cinco primeros meses de 2010, la facturación del sector industrial, uno de los motores de la economía brasileña, aumentó un 12,5%. El empleo en este sector también ha registrado un aumento considerable: un 0,4% en mayo respecto a abril y un acumulado del 3,6% en los cinco primeros meses del año. En 2009, Brasil generó casi un millón de nuevos empleos formales.

Las últimas proyecciones económicas del FMI para Brasil apuntan a un crecimiento del 7,1% en 2010, más de un punto y medio por encima de las previsiones divulgadas el pasado mes de abril (5,5%). La institución financiera también pronostica un aumento del 4,2% del PIB en 2011. Los datos del FMI no difieren mucho de los análisis de mercado divulgados por el Banco Central de Brasil (crecimiento del 7,2% en 2010 y del 4,5% en 2011).

El vertiginoso aumento de la demanda de créditos al consumo (del 16,6% en el primer semestre del año, en relación al mismo periodo de 2009) confirma que Brasil está afrontando una de sus cuentas pendientes: reducir unos altísimos tipos de interés que frenan el acceso de los consumidores al crédito.